

NONA NOVELA

Federigo degli Alberighi ama e não é amado; gastando em cortesias, arruína-se, e sobra-lhe um único falcão; não tendo outra coisa, dá à mulher, que fora à sua casa, o falcão para comer; ela, ao saber disso, muda o modo de pensar, casa-se com ele e o enriquece.

Filomena acabara de falar, e a rainha, percebendo ser a única que não contara uma história, além de Dioneu, que tinha seu privilégio, disse alegre:

– Compete a mim agora contar uma história e vou narrar, caríssimas senhoras, algo em parte semelhante à história anterior, para que as senhoras não só saibam o poder que tem sua beleza sobre os corações nobres como também para que aprendam a ser, quando preciso, doadoras de suas próprias recompensas, sem deixarem que a Fortuna as guie o tempo todo. Pois ela nem sempre dá com discernimento, e sim, na maioria das vezes, descomedidamente.

Como devem saber, Coppo di Borghese Domenichi, que viveu em nossa cidade e talvez ainda viva, homem de grande e reverenda autoridade em nossa época, insigne e digno de eterna fama muito mais pelos costumes e pela virtude do que pela nobreza de sangue, quando já avançado em anos entretinha-se frequentemente a contar coisas passadas a vizinhos e outras pessoas: e sobre essas coisas ele sabia falar melhor, mais pormenorizadamente e com mais clareza de memória e ornamentos do que qualquer outra pessoas. Costumava dizer, entre outras belas coisas, que em Florença houve no passado um jovem chamado Federigo di *messer* Filippo Alberighi, estimado em exercícios de cavalaria e em cortesia mais do que qualquer outro donzel¹¹⁸ da Toscana. Como ocorre com a maioria dos fidalgos, apaixonou-se por uma gentil dama chamada *monna* Giovanna, considerada em seu tempo uma das mais formosas e graciosas mulheres que havia em Florença; e, para poder conquistar o amor dela, ele promovia justas, participava de torneios, oferecia festas, dava presentes e gastava seus bens sem nenhum freio; mas ela, honesta tanto quanto bela, não se importava com nada dessas coisas que lhe eram feitas nem com aquele que as fazia.

Federigo, gastando mais do que podia e sem nada ganhar em troca, como ocorre facilmente dissipou as riquezas e ficou pobre, restando-lhe nada mais que uma pequena propriedade, de cuja renda vivia parcimoniosamente, e, além dela, um falcão que era dos melhores do mundo. Assim, amando mais que nunca e achando que não poderia ser cidadão como desejava, foi morar em Campi, onde ficava sua pequena propriedade. Ali, suportava pacientemente a pobreza, vivendo da caça a passarinhos quando podia e sem pedir ajuda a ninguém.

Ocorre que um dia, tendo Federigo chegado a tais extremos, o marido de *monna* Giovanna ficou doente e, vendo-se às portas da morte, fez testamento. Sendo riquíssimo, deixou como seu herdeiro um filho já crescidinho e, depois dele, tendo amado muito *monna* Giovanna, indicou-a como herdeira substituta, se porventura o filho legítimo morresse sem herdeiro; e morreu.

Ficando viúva, *monna* Giovanna – como é costume de nossas mulheres – passava todos os verões no campo com esse filho, numa propriedade sua bem próxima à de Federigo. Por esse motivo, o rapazinho pegou amizade com Federigo e passou a gostar de pássaros e cães; e,

vendo várias vezes o seu falcão voar e gostando extraordinariamente dele, tinha muita vontade de possuí-lo, mas não se atrevia a pedir, por ver que Federigo lhe dava muito valor. Estavam assim as coisas quando o rapazinho adoeceu: a mãe, muito pesarosa, pois não tinha mais filhos e o amava a mais não poder, passava o dia todo perto dele e não parava de confortá-lo, perguntando várias vezes se havia algo que ele desejasse e pedindo que lhe dissesse, porque, se fosse possível ter o que ele queria, ela daria um jeito de obter.

O rapazinho, ouvindo tantas vezes essa oferta, disse:

– Mamãe, se a senhora conseguir o falcão de Federigo, acho que logo fico bom.

A mulher, ouvindo isso, ficou em silêncio e começou a pensar o que deveria fazer. Sabia que Federigo a amara durante muito tempo, sem receber dela nem sequer um olhar, e por isso pensava: “Como mandarei ou irei pedir-lhe aquele falcão que, pelo que ouço dizer, é o melhor que já voou e, além disso, o sustenta? E como vou ser tão indiscreta a ponto de querer subtrair a um gentil-homem o único prazer que lhe restou?”. E, tolhida por tais pensamentos, sem ter a menor dúvida de que o conseguiria, caso o pedisse, sem saber o que dizer, não respondia ao filho e continuava calada.

Por fim, foi vencida pelo amor ao filho e, para contentá-lo, decidiu que, houvesse o que houvesse, não mandaria ninguém, mas iria pessoalmente pedi-lo e o traria; então respondeu:

– Meu filho, fique sossegado e faça força para se curar, pois prometo que a primeira coisa que farei amanhã cedo será ir buscá-lo e trazê-lo aqui.

Com isso o menino ficou feliz e naquele mesmo dia mostrou alguma melhora.

Na manhã seguinte, em companhia de outra mulher, a dama foi à casinha de Federigo como que a passeio e pediu que o chamassem. Visto que não era temporada, naqueles dias ele não caçara e estava num pomar preparando alguns pequenos trabalhos; ao ouvir que *monna* Giovanna perguntava por ele à porta, ficou muito admirado e correu para lá, feliz.

Quando o viu chegar, levantou-se com graça senhoril e foi a seu encontro, depois que Federigo a cumprimentou reverentemente, e disse:

– Espero que esteja bem, Federigo! – e prosseguiu: – Vim compensar os danos que você já sofreu por me amar mais do que teria sido preciso, e como reparação pretendo, com esta minha companheira, almoçar com você familiarmente esta manhã.

Federigo respondeu humildemente:

– Não me lembro de nenhum dano provindo da senhora, mas sim bem, e tanto que, se alguma vez vali alguma coisa, isso adveio do seu valor e do bem que lhe quis. E por certo tenho em muito maior estima essa sua visita liberal do que se me fosse dado voltar a gastar tanto quanto gastei no passado, embora a senhora tenha vindo ao encontro de um anfitrião pobre.

E, dizendo isso, recebeu-a timidamente em casa e depois a levou ao jardim; lá, como não contasse com ninguém para lhe fazer companhia, disse:

– Como não há outra pessoa, esta boa senhora, mulher daquele lavrador, lhe fará companhia enquanto eu vou lá dentro cuidar dos preparativos da mesa.

Apesar da pobreza extrema, ele ainda não percebera a tamanha necessidade em que se encontrava por ter dissipado desbragadamente as suas riquezas; mas aquela manhã, na qual não encontrou nada com que pudesse obsequiar a mulher por cujo amor obsequiara um sem-número de homens, deu-lhe consciência disso. E, extremamente angustiado, amaldiçoando no

íntimo a Fortuna, como quem está fora de si, agitava-se de lá para cá, sem encontrar dinheiro nem nada que pudesse empenhar. E a hora já ia adiantada quando ele, desejando muito obsequiar com alguma coisa a gentil senhora, mas não querendo pedir ajuda a ninguém, nem mesmo a um de seus trabalhadores, avistou o bom falcão na saleta, em sua alcândora; por isso, não tendo outra coisa a que recorrer, pegou-o e, percebendo que estava gordo, achou que seria uma digna refeição para a referida dama. Então, sem pensar duas vezes, puxou-lhe o pescoço e entregou-o a uma criadinha, que bem depressa o pelou, temperou, pôs num grande espeto e assou diligentemente. Já estava posta a mesa com alvíssimas toalhas – pois ainda sobravam algumas – quando ele voltou radiante para o jardim e disse à dama que estava pronto o almoço que ele pudera preparar. Então a mulher e sua companheira levantaram-se, foram sentar-se à mesa e, ao lado de Federigo, que as servia com muita devoção, sem nem imaginarem o que estavam comendo, comeram o bom falcão.

Depois de se levantarem da mesa e de passarem algum tempo com ele em conversas agradáveis, achando a dama que chegara o momento de dizer por que tinha ido ali, voltou-se para Federigo e começou a falar benevolmente:

– Federigo, lembrando-se de sua vida passada e da minha honestidade, a que você talvez tenha dado o nome de dureza e crueldade, não duvido que se espante com a minha ousadia quando eu lhe disser qual foi o principal motivo que me trouxe aqui, mas, se você tivesse filhos ou os tivesse tido um dia, talvez pudesse saber a força do amor que temos por eles, e a minha impressão é de que talvez me desculpasse em parte. Mas, como não os tem, eu, que tenho um, não posso fugir às leis comuns às outras mães; e, devendo seguir essas forças, mesmo contrariando a minha vontade e todas as conveniências e deveres, preciso pedir-lhe que me dê algo que sei ser muito precioso para você, o que é compreensível, uma vez que não lhe sobrou outro prazer ou outra diversão ou outro consolo; e o que lhe peço é o falcão, pelo qual meu filho está tão apaixonado que, se não o levar, temo que sua doença se agrave muito e que sobrevenha algo que o leve de mim. Por isso lhe peço – não pelo amor que tem por mim, pois esse não o obriga a nada, mas por sua nobreza, que no uso da cortesia se mostrou maior que a de qualquer outra pessoa – que me faça a gentileza de dá-lo, para que com esse presente eu possa dizer que salvei a vida do meu filho, e ele com isso lhe seja sempre grato.

Federigo, ouvindo o que a mulher pedia e sentindo que não poderia servi-la porque lhe tinha dado o falcão para comer, começou a chorar na sua frente antes de conseguir responder com palavras. A mulher primeiramente acreditou que aquele choro fosse causado pela dor de precisar separar-se do bom falcão, mais que de qualquer outra coisa, e estava até para dizer que já não o queria, mas, contendo-se, esperou que depois do pranto viesse a resposta de Federigo, que falou da seguinte maneira:

– Depois que Deus quis que na senhora eu depositasse o meu amor, considerei que a Fortuna me era adversa em muitas coisas e dela me queixei; mas todas aquelas coisas foram leves diante do que ela está me fazendo agora, e nunca mais me reconciliarei com ela, só de pensar que a senhora, que nunca se dignou ir à minha casa quando ela era rica, veio a esta minha casa pobre pedir um pequeno presente, e eu não posso dá-lo porque ela, com suas ações, não o permitiu. Vou dizer rapidamente por que não posso dá-lo. Assim que fiquei sabendo que vossa mercê queria almoçar comigo, levando em conta sua excelência e seu

valor, considerei digno e conveniente obsequiá-la com a mais preciosa iguaria que estivesse ao meu alcance e que fosse diferente das que costume oferecer a outras pessoas: por isso, lembrando-me do falcão que está sendo pedido e da sua boa qualidade, achei que ele seria uma refeição digna da senhora, e assim, hoje pela manhã, ele esteve em seu prato, assado, enquanto eu avaliava que o tinha empregado muito bem; mas, vendo agora que a senhora o desejava de outra maneira, sinto-me tão pesaroso por não poder servi-la, que acredito que nunca mais terei paz.

E, dito isso, para provar o que dizia ordenou que pusessem diante dela as penas, os pés e o bico. A mulher, vendo e ouvindo essas coisas, primeiro o reprovou por ter matado tal falcão para dar de comer a uma mulher e depois, no íntimo, louvou sua magnanimidade, que nem a pobreza pudera embotar. Em seguida, perdendo todas as esperanças de ter o falcão e, por isso, passando a temer muito pela saúde do filho, despediu-se melancólica e voltou para casa. O filho, quer pela melancolia de não poder ter o falcão, quer pela doença que de qualquer modo o levaria àquilo, depois de não muitos dias despediu-se desta vida, para grande dor da mãe.

Esta passou muito tempo chorando amargamente, mas, como ficara riquíssima e ainda era jovem, foi várias vezes instada pelos irmãos a casar-se de novo. Apesar de não querer fazê-lo, vendo-se muito solicitada e lembrando-se do valor de Federigo e de sua última magnificência, ou seja, matar um falcão daqueles para obsequiá-la, disse aos irmãos:

– Pela minha vontade, se vocês permitissem, eu não me casaria de novo; mas, como vocês tanto querem que eu me case, digo que não aceitarei nenhum outro marido que não seja Federigo degli Alberighi.

Os irmãos, zombando dela, disseram:

– Sua tola, o que está dizendo? Como quer se casar com ele, que não tem nada neste mundo?

Ela respondeu:

– Meus irmãos, sei muito bem que as coisas são como dizem, mas prefiro homem sem riqueza a riqueza sem homem.

Os irmãos, percebendo a sua decisão e sabendo que Federigo era homem de valor, ainda que pobre, deram-lhe a irmã com todas as suas riquezas, conforme ela quis. Federigo, vendo-se casado com tal mulher que ele tanto amara e, além disso, riquíssimo, tornando-se melhor administrador de seus bens, terminou feliz os seus dias ao lado dela.